

ENTRE OS LIMITES DA ARTE E DO MUNDO: POR UMA POÉTICA DA DURAÇÃO NA ÉTICA DA PRESENÇA

ELIVELTO ALVES DE SOUZA¹; HELENE GOMES SACCO²

¹Universidade Federal de Pelotas – elivelto.souza@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – sacco.h@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho parte da análise de minha pesquisa artística em articulação com as reflexões tecidas no curso de Mestrado em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas, na linha de pesquisa de Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano, no qual possuo bolsa fomentada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES). Orientada pelo campo de estudos de Arte e Cotidiano, a pesquisa em poéticas visuais relaciona ações urbanas, projetos propositivos e publicações artísticas, que se exprimem por via da palavra e fotografia, propondo o cuidado como prática artística e como uma atitude de resistência, a fim de pensar a sobrevivência do lugar e a reinvenção da relação ordinária que estabelecemos com o cotidiano.

Neste resumo apresentarei a ação artística propositiva intitulada *Palavra (a)guardada*¹, aproximando-me da noção de Arte como Experiência, desenvolvida pelo filósofo John Dewey (2010), dos estudos do artista e pesquisador Hélio Ferverza (2005; 2006), a respeito de aproximações entre arte e não-arte e arte e cotidiano, e dos artistas Allan Kaprow e Piero Manzoni.

Em *Considerações da arte que não se parece com arte* (2005), Ferverza nos diz sobre uma instância da arte que é colada com a vida. Ao referir-se a um trabalho em que Allan Kaprow faz da simples atividade cotidiana de fazer um chá um trabalho de arte, o autor aponta:

Para este artista o ato de prestar atenção e estar consciente da realização de atividades cotidianas, como preparar chá ou amarrar os cordões dos sapatos, podem ser mais fundamentais do que produzir objetos convencionalmente identificados como artísticos (FERVENZA, 2005, p. 80).

Em certa medida, as propostas e ações de Kaprow consideram uma não separação entre produtor e observador, ou seja, para o artista não há separação entre aquele que produz um objeto e alguém que produz um olhar sobre o objeto apresentado, num processo denominado por Ferverza de auto-apresentação: “aquele que toma parte desse processo inclui-se como alguém que produz uma experiência de fazer e abre uma experiência de sentir e pensar, ou pensar, sentir, fazer” (FERVENZA, 2005, p. 83). Ainda mais à frente, sobre as produções e proposições do artista, o autor acrescenta: “Elas são meios e não fins, formas de pensar, de viver e de agir” (FERVENZA, 2005, p. 83). Ou seja, não há um objeto artístico pronto para ser apreciado, mas sim um processo. São, pois, produções desviantes que extravasam as práticas artísticas tradicionais, numa ideia que considera a arte ligada com a vida e o restante.

¹ Ação artística propositiva de minha autoria, integrada ao evento do Grupo de Pesquisa *Lugares-livro: dimensões materiais e poéticas*, edição 2018, coordenado pela Profa. Dra. Helene Gomes Sacco, durante a 46ª Feira do Livro de Pelotas.

Partindo dessa compreensão, entendo a arte como experiência e, em minha prática artística, procuro desenvolver trabalhos que consigam promover estados de percepção mais sensível como uma aposta na experiência de aproximação com o mundo. Em *Arte como experiência* (2010), o filósofo John Dewey nos diz que “toda experiência é resultado da interação entre a criatura viva e algum aspecto do mundo em que ela vive” (DEWEY, 2010, p. 122), é sempre uma experiência vinculada a um lugar, um contexto, uma historicidade, uma vida. É de uma ideia de presença ativa no mundo que este conceito de experiência emerge, por isso mesmo ela abre sempre uma dimensão política. Para Dewey (2010), uma das funções da arte seria “eliminar o preconceito, retirar os antolhos que impedem os olhos de ver, rasgar os véus decorrentes do hábito e do costume, aprimorar a capacidade de perceber” (DEWEY, 2010, p. 548).

2. METODOLOGIA

Em 2016 desenvolvi *Aguardo Dedicatória*², trabalho que se configurou como uma ação artística propositiva, com duração de quatro dias, em que, sentado em uma das mesas da Bibliotheca Pública Pelotense, coloquei presença na espera por pessoas desconhecidas e propus a elas que dedicassem um livro a um leitor do futuro, também desconhecido. A ação se dava no que poderia ocorrer da implicação do meu aguardar por pessoas no lugar: diálogos, observações, reações e qualquer outra iniciativa. Durante os quatro dias aguardando dedicatórias passaram por mim inúmeras pessoas. Entre essa espera, algumas conversas, olhares, silêncios, alguns responsáveis pelas mais de dez dedicatórias que recebi ao longo da ação. Entendia que estava presente também como responsável por guardar todas elas. Não sabia ao certo o destino que teriam, já que durante os quatro dias o meu interesse maior estava em propor um convite, propor a ativação de um pensamento que se voltava para o lugar-livro em conexão com o contexto da Bibliotheca Pública Pelotense.

Dois anos se passaram e o tempo doado das pessoas que participaram da ação propiciou o desenvolvimento de um outro trabalho, a ação artística e propositiva *Palavra (a)guardada*, trabalho em que as dedicatórias de *Aguardo Dedicatória* tomam corpo e encontram leitores em potencial, como um convite para explorar os livros que lhes foram dedicados anos atrás. Por meio de marca-páginas que trazem consigo as dedicatórias e os códigos dos livros dedicados, mas não o nome, a proposição artística convidou pela busca por palavras que são (a)guardadas.

A ação aconteceu em dois dias, contou com a entrega de treze dedicatórias que se repetiam em mais de duzentos marca-páginas. As entreguei em diversos lugares: na Bibliotheca Publica Pelotense e em seu entorno, na Praça Coronel Pedro Osório, no Calçadão do centro de Pelotas, nas paradas de ônibus, no supermercado, na feira, para as diversas pessoas que encontrava em minha caminhada pela cidade: a vendedora ambulante, o gari, a moça que lia um livro debaixo da árvore, alguém que acontecia de estar ali, onde eu também me encontrava. Quando abordava mais de uma pessoa ao mesmo tempo, doava marca-páginas com dedicatórias diferentes para cada uma delas.

² Ação artística propositiva de minha autoria, realizada junto às atividades do evento *Experiência Bibliotheca: aproximações infraordinárias*, organizada pelo Grupo de Pesquisa *Lugares-Livro: dimensões materiais e poéticas*, coordenado pela Profa. Dra. Helene Gomes Sacco, durante a 44ª Feira do Livro de Pelotas. 2016.



Figura 1. Elivelto Souza. *Palavra (a)guardada*. Ação artística propositiva. 2018.
Fonte: Acervo do artista.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diferentemente da entrega de um panfleto, a ação priorizava o diálogo com o outro e a disponibilidade para seus desdobramentos. Por estar consciente disso antes mesmo da ação acontecer, pensei que seria muito importante a escolha do dispositivo ao qual eu iria utilizar, já que ele poderia informar ou não coisas bem distintas das quais eu pretendia. Nesse sentido, após uma longa reflexão sobre o suporte que eu utilizaria para a entrega das dedicatórias, percebi que o marca-páginas era um dispositivo que conversava com o que eu estava propondo.

Usado para marcar a pausa de leitura em um livro, o marca-páginas pode passar adormecido por dias ou até mesmo anos entre duas páginas, contudo, quando o livro volta a ser aberto, estará lá. Ele resiste ao tempo e, de certa forma, está intimamente ligado as palavras, guardadas por ele e aguardadas para serem lidas por alguém. Foi dessa percepção que, inclusive, originou-se o nome da ação, “palavra (a)guardada”, que além da referência ao uso do marca-páginas, reporta-se também as dedicatórias de *Aguardo Dedicatória*, doadas por alguém no passado, guardadas por mim, e aguardadas para serem entregues a alguém do futuro.

O marca-páginas abre a possibilidade para que minha ação tenha uma duração prolongada, o que escapa apenas ao tempo presente da entrega dele a alguém, já que seu uso faz com que algo seja sempre lançado para o futuro. Nesse sentido, através do uso desse dispositivo, abro a proposição para o amanhã, para o mês que vem, para o ano que vêm, para quando a pessoa que o tiver recebido se deparar novamente com a dedicatória que lhe foi destinada no meio das páginas de um livro e, talvez então, através desse reencontro, ser despertada pelo desejo de ir atrás do livro que lhe fora dedicado no passado. Nesse sentido, a duração desse trabalho transborda qualquer intenção minha, sendo ele muito maior do que qualquer coisa que eu possa planejar.

Entretanto, é importante frisar que os marca-páginas não são o trabalho, a ação artística. Eles são uma proposição, são parte. O trabalho é o que pode ocorrer no momento e depois da sua entrega: diálogos, reações, ideias, o encontro com o livro na biblioteca, que pode gerar uma nova janela com infinitas possibilidades para

a vida daquela pessoa, daquele lugar, daquele livro. Os marca-páginas podem ser aquilo que se destina, que se direciona e prepara para a arte.

Em *Limites da arte e do mundo: apresentações, inscrições, indeterminações* (2006), Fervenza interroga os possíveis limites da arte contemporânea e as relações entre arte e não-arte a partir da análise da obra “Base do Mundo”³, do artista italiano Piero Manzoni. A obra, construída em ferro e bronze é, como o nome diz, uma base que deveria ser utilizada para sustentar ou receber esculturas, o que, no entanto, não ocorre. Com frases invertidas, escritas de cabeça para baixo, afixadas em um de seus lados, pode-se entender que a parte superior da base está virada para baixo, em contato com a terra. Nela está escrito: “Base do Mundo, base mágica nº 3 de Piero Manzoni, 1961. Homenagem à Galileu”. Segundo Fervenza, “ao inverter a posição do pedestal em ‘Base do Mundo’, Manzoni coloca o mundo inteiro sobre o pedestal e, num gesto simbólico, transforma tudo o que aí está em arte” (FERVENZA, 2006, p. 84), ou seja, Manzoni abre a possibilidade para pensarmos que qualquer pessoa ou coisa pode ser arte, já que sua proposição vaza esses limites e expande-se do espaço do museu para outras situações da vida, não necessariamente artísticas. Percebo que, assim como em “Base do Mundo”, de Piero Manzoni, a ação *Palavra (a)guardada* se apresenta entre os limites da arte e não-arte, ou entre arte e mundo, numa ideia de arte que não se parece com arte, mas sim com a vida.

4. CONCLUSÕES

Em *Palavra (a)guardada* me interessei em pensar o que minha presença e a das pessoas poderia desencadear nos espaços. E não apenas a presença como potencial ativadora do espaço, mas a presença como fator que chama a percepção do lugar, faz ver o lugar. Nesse sentido, o desdobramento desse trabalho me permite pensar que a sobrevivência do lugar depende de uma prática de ativação. De certo modo, ele me leva a entender a importância e a potência que há no lugar praticado pela arte. Essa prática implica, a uma só vez, em um posicionamento ético, poético e estético sobre o outro, a arte e o mundo, numa possibilidade de experiência e visibilidade dessa redescoberta em si.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEWEY, J. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FERVENZA, H. Considerações da arte que não se parece com arte. **Porto Arte**, Porto Alegre, v. 13, n. 23, p. 73 - 83, 2005.

FERVENZA, H. Limites da arte e do mundo: apresentações, inscrições, indeterminações. **ARS**, São Paulo, v. 4, n. 8, p. 83 - 93, 2006.

KAPROW, A. A educação do Não-artista Parte 1. **Concinnitas**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 4, 2003, p. 215 - 226.

³ Piero Manzoni, “Base do Mundo” (“Base do Mundo, base mágica nº 3 de Piero Manzoni, 1961. Homenagem à Galileu”), ferro e bronze, 82 x 100 x 100 cm. Museu de Herning, Dinamarca.